



LITERATURA, INSULARIDADES E SEXÍLIO NO CARIBE

Daniela Schrickte Stoll – sstolldaniela@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; FAPESC; CAPES;
<https://orcid.org/0000-0001-8843-779X>

RESUMO: Este artigo apresentará uma relação entre a noção de sexílio (Manolo Guzmán) e os conceitos de arquipélago e rizoma (Glissant) e de literaturas menores (Deleuze e Guattari), tendo como enfoque o caso de Porto Rico. Serão abordados os sistemas linguísticos e literários em que se inserem (ou não) dois poemas do livro *Invitación al Polvo* (1991), obra póstuma do porto-riquenho Manuel Ramos Otero (1946-1990). O objetivo do artigo é perceber qual o papel da geografia insular caribenha e de sua história marcada pela colonização, pela criouliização e pela diáspora *queer*, na literatura de Ramos Otero, que enfoca questões de gênero e sexualidade. O autor precisou se exilar nos Estados Unidos, em 1968, em função de sua orientação sexual, o que caracteriza o conceito de sexílio. Tendo como metodologia a análise dos dois poemas, percebe-se que esse deslocamento entre culturas e identidades não se dá de maneira neutra: Ramos Otero, assim como tantos imigrantes, além dos sentimentos próprios da diáspora (nostalgia, perda, rompimento, desterritorialização, falta de pertencimento), sofre com a opressão, a segregação étnico-racial e o preconceito. Conclui-se que, associado ao preconceito de raça, etnia e língua, os exilados por motivos de identidade de gênero ou orientação sexual sofrem ainda preconceito de gênero e sexualidade. Além disso, a conclusão deste artigo é também uma proposta de que o duplo deslocamento (geográfico e *queer*) seja ressignificado através do conceito de pensamento de arquipélago, trabalhado por Glissant (2005), em oposição à universalidade do sujeito único (ilha).

PALAVRAS-CHAVE: Sexílio; literatura porto-riquenha; Manuel Ramos Otero; pensamento de arquipélago.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo faz uma análise de dois poemas do livro *Invitación al Polvo* (1991), obra póstuma do porto-riquenho Manuel Ramos Otero (1946-1990). O objetivo da análise é perceber qual o papel da geografia insular caribenha e de sua história marcada pela colonização, pela criouliização e pela diáspora *queer*, na literatura de Ramos Otero, que enfoca questões de gênero e sexualidade. Assim, serão relacionados os conceitos de sexílio (Manolo Guzmán), de arquipélago e rizoma (Glissant) e de literaturas menores (Deleuze e Guattari).

Iniciaremos com uma análise do conceito de sexílio e da diáspora *queer* no caso de Porto Rico. Em seguida, traçaremos um breve histórico da literatura porto-riquenha para observar os sistemas linguísticos e literários em que se inserem (ou não) as obras dos *nuyoricans* (os porto-riquenhos radicados em Nova Iorque, como foi o caso do autor). Nesta parte, abordaremos os conceitos de desterritorialização e de literaturas menores. Em seguida, através da análise dos dois poemas, refletiremos sobre a experiência do autor diante dos sentimentos resultantes da diáspora

e da segregação nos Estados Unidos. Esse deslocamento entre culturas e identidades não se dá de maneira neutra: Ramos Otero, assim como os chicanos e como tantos imigrantes de diferentes partes do mundo, além dos sentimentos próprios da diáspora (nostalgia, perda, rompimento, desterritorialização, falta de pertencimento), sofre com a opressão, a segregação étnico-racial e o preconceito. Para concluir, traçaremos um paralelo entre os conceitos de arquipélago e rizoma, trabalhados por Glissant (2005), em oposição à universalidade do sujeito único (ilha).

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

O arquipélago do Caribe foi o local do primeiro encontro entre Cristóvão Colombo e o continente americano, em 1492. As diferentes ilhas, anteriormente habitadas pelas populações Taino, Caraíba e Galibi, foram colonizadas por espanhóis, franceses, ingleses, holandeses, dinamarqueses e posteriormente por estadunidenses¹. O arquipélago era também o local onde primeiro aportavam os navios negreiros trazendo pessoas sequestradas em África para serem depois transferidas e escravizadas em diferentes locais das Américas. Esse contato entre culturas resultou em processos de tensão e de criouliização². O trânsito, as chegadas e as partidas, marcaram as paisagens culturais no Caribe. No século XX, uma nova diáspora se deu em países como Porto Rico e Cuba (ainda que com diferentes características em cada país), que pode ser denominada como sexílio, o tema deste artigo.

O sexílio é o exílio daqueles que tiveram que deixar suas terras natais em função da sua orientação sexual ou identidade de gênero. O conceito foi cunhado pelo teórico porto-riquenho Manolo Guzmán, em 1997, e utilizado por diversos pesquisadores, desde então, em análise dos movimentos migratórios que ocorreram a partir do Caribe e que podem ser pensados como uma diáspora *queer*. Aqui será abordado o sexílio que ocorreu em Porto Rico no final do século XX.

Porto Rico foi uma colônia espanhola até 1898, quando foi reivindicado pelos Estados Unidos. Na contemporaneidade, o país ainda é um território estadunidense não incorporado. Os porto-riquenhos seguem a constituição estadunidense e podem circular pelos dois países, no entanto não podem votar para presidente. A língua oficial principal em Porto Rico é o espanhol –

¹ O escritor martiniquense Édouard Glissant (1928-2011) explicou, em *Introdução a uma poética da diversidade* (2005), que existem diversos Caribes: o hispânico, o anglófono, o francófono e os demais crioulófonos. Por isso, é importante entender os sistemas culturais e literários das Antilhas como espaços desterritorializados.

² A criouliização é aqui entendida conforme a abordagem de Glissant (2005): quando diferentes culturas são colocadas em contato e transformam-se, através de choques, guerras e imposições, mas também de criações e resistências, com resultados imprevisíveis. Para o autor, “é possível que a criouliização linguística se realize melhor em territórios exíguos e bem delimitados: ilhas, organizadas ou não em arquipélagos” (Glissant, 2005, p. 23-24). No entanto, quando se fala em criouliização, não se trata de uma referência à língua crioula, mas ao “fenômeno que estruturou as línguas crioulas, o que não é a mesma coisa” (Glissant, 2005, p. 31).

veiculado nas escolas e nas instituições públicas –, mas o inglês também é uma língua oficial no país. Algumas pessoas consideram que o país jamais poderá se tornar um estado estadunidense (com poder de voto, por exemplo) enquanto a língua principal for o espanhol³. Outras defendem que o país deve se tornar independente e ter uma constituição própria. Nas falas cotidianas, os porto-riquenhos fazem misturas entre as duas línguas. Além disso, existe uma língua crioula que possivelmente combina elementos do espanhol, do inglês, das línguas africanas e das línguas Taino.

A diáspora *queer* que ocorre em Porto Rico tem diferentes explicações. Em primeiro lugar está a facilidade de circular pelos Estados Unidos, onde a comunidade LGBTQI+ é maior e mais articulada. Segundo o escritor porto-riquenho Lawrence La Fountain-Stokes (2011), muitos argumentam que não houve um exílio forçado, enquanto outros afirmam que a homofobia e o machismo em Porto Rico – leis que criminalizam o preconceito e regularizam o casamento gay são recentes, por exemplo – forçaram as pessoas a migrar. É o que pensa Israel Reyes (2005), que explica também ser possível atribuir este sexílio à epidemia de Aids no final do século XX e às dificuldades de tratamento na ilha.

De acordo com Yolanda Martínez-San Miguel (2011), La Fountain-Stokes⁴ (2009) vincula a identidade *queer* com a diáspora que teve início em 1960, no caso de Porto Rico, o que criou uma tradição cultural nas representações dessa diáspora, sendo a primeira delas uma narrativa de Luis Rafael Sánchez⁵, de 1984, intitulada *Jum!* Assim, a literatura de Porto-Rico, como de outros países caribenhos, que podem ser pensadas como literaturas em movimento desde os primeiros relatos de viajantes europeus, seguem em movimento com os exílios da contemporaneidade, conforme argumenta Ottmar Ette (2005) a respeito da literatura cubana.

De acordo com a historiografia da literatura porto-riquenha traçada por María Caballero (1999), no século XIX, os porto-riquenhos incorporavam ao literário um espírito nacionalista e independentista. Houve manifestações literárias abolicionistas nesse período que, a longo prazo, tiveram grande repercussão, ainda que, inicialmente, o abolicionismo fosse um assunto secundário ligado ao principal, a independência. Mais tarde, o tema adquiriu maior importância e teve seu ponto de culminação em 1930. Os negros foram, então, porta-vozes de denúncias sociopolíticas (CABALLERO, 1999).

Após o domínio estadunidense e ao longo do século XX, um novo panorama se configurou, em que se reforçou a conexão entre Porto Rico e os demais espaços antilhanos e latino-americanos (CABALLERO, 1999). Essa conexão é importante porque, segundo Martínez-San

³ Ver SIMÕES, 2012.

⁴ LA FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. **Queer Ricans: Cultures and Sexualities in the Diaspora**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

⁵ SÁNCHEZ, Luis Rafael. *Jum!*. Em **En cuerpo de camisa**. Río Piedras: Editorial Cultural, 1984.

Miguel (2011), muitos países do arquipélago caribenho não chegaram à pós-colonialidade ou não experimentaram o processo de constituição de um Estado soberano, como ocorreu com a maioria dos países da América Latina continental.

Atualmente, a literatura porto-riquenha é incorporada nos guarda-chuvas da literatura hispano-americana ou latino-americana (onde estão também as literaturas cubano-americana e chicana⁶), porém todas essas literaturas podem ser pensadas como desterritorializadas, conforme reflexão proposta pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari (1977) a respeito de literaturas menores: “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. Mas a primeira característica, de toda maneira, é que, nela, a língua é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 25).

Tanto para os porto-riquenhos quanto para os chicanos, o processo de desterritorialização é duplo, primeiro pelo colonialismo espanhol, que impôs aos indígenas a língua espanhola, depois pelo colonialismo estadunidense, como argumenta Alicia Ramos-Jordan (2003): “*esta literatura se conecta con la anglo-americana, con la chicana y con las otras literaturas de la diáspora para construir nuevas comunidades que les permiten independizarse del punto de partida sin identificarse con el puerto de llegada*” (RAMOS-JORDAN, 2003, p. 12). Assim, o mesmo território antilhano que ocupara, em função da insularidade, uma posição geopolítica estratégica no período da colonização, passa a ocupar um espaço periférico em relação com os sistemas linguísticos e literários majoritários.

A literatura dos *nuyoricans* (porto-riquenhos radicados em Nova Iorque), mais especificamente, surge no seio de uma língua, uma cultura e um sistema literário dominantes (o estadunidense). De acordo com Ramos-Jordan (2003), a maioria dos escritores *nuyoricans* escreve em dois idiomas ou em variações deles. Além disso, compartilham tradições literárias anglo-americanas, porto-riquenhas e diaspóricas. Aqueles que escrevem apenas em espanhol, como foi o caso de Manuel Ramos Otero (1946-1990), ocupam esse espaço das margens e das minorias porque, mesmo que o espanhol seja uma língua majoritária entre os grupos linguísticos globais, os processos de crioulização e desterritorialização ocorridos na colonização de Porto Rico, assim como os processos ocorridos no exílio nos Estados Unidos, fazem com que seja possível pensar na literatura *nuyoricana* como uma literatura menor. Além disso, segundo Ramos-Jordan (2003), mesmo quando se emprega a língua majoritária (inglês ou espanhol), ela “perde território ao ser

⁶ Chicanos são pessoas nascidas nos Estados Unidos com ascendência mexicana. É uma identidade de fronteira – não apenas geográfica mas também linguística e cultural, utilizada como forma de afirmação política.

empregada por escritores de minorias” (RAMOS-JORDAN, 2003, p. 10), conforme visto na definição de Deleuze e Guattari (1977).

As literaturas menores permitem disputar significados no interior da cultura dominante, construir ou reforçar um idioma próprio ou tensionar fronteiras no primeiro mundo, a partir de dentro. De acordo com Ramos-Jordan (2003), os *nuyoricans* resistem a serem assimilados e denunciam assimetrias políticas, econômicas, raciais e linguísticas, ao mesmo tempo em que buscam, com criatividade, expressar identidades em contínua transformação:

Es precisamente esta situación la que asemeja la diáspora puertorriqueña a la chicana; los puertorriqueños no se asimilaron al dominio blanco, anglosajón y protestante y, como resultado, la primera literatura creada por los boricuas, en los Estados Unidos, fue una reacción a las condiciones sociales y económicas a las cuales se enfrentaron los primeros inmigrantes, sobre todo en la Gran Manzanara. Por lo tanto, podemos inscribir esta literatura como literatura minoritaria ya que, como indica el profesor Leal⁷ refiriéndose a la chicana: “[...] esto es, como un producto de escritores que, aunque mantienen la cultura Mexicana (puertorriqueña en nuestro caso) de sus antepasados - en su totalidad o en parte-, viven y escriben dentro de un ambiente anglo-americano” (RAMOS-JORDAN, 2003, p. 3).

Ou seja, esses escritores podem incorporar simultaneamente a tradição e a mudança, através de obras em processo de movimentação contínua que tensionam a fixidez da paisagem e da língua estadunidenses. Em poema presente no livro *Invitación al Polvo* (1991), publicado postumamente⁸, Manuel Ramos Otero traz o tema do sexílio nos Estados Unidos, da desterritorialização e das insularidades:

Éramos flores desterradas desde un Caribe ancho / y luminoso a un apartamento nocturno y estrecho. / Éramos un recuerdo distinto y similar de voces / amorosas que quedaron atrás encerradas en el mar, / jugando al escondite por bosques milenarios / y volcanes dormidos. Éramos todo eso y mucho más: / el eco de un espíritu sincero que cambió brisa / por humo, fuego de sol por ceniza, gente de carne / y hueso por máscaras anónimas, hombres de la ciudad / que en el amor volvieron a sus islas infinitas. / Cubanacán boricua y Borikén cubano, finalmente / abrazados, con las alas cortadas falsificando vuelos, / como cambiando pétalos por plumas. Éramos boleristas / de la misma loseta: vereda tropical y niebla de riachuelo, / un desvelo de amor bajo Venus, olas y arenas / de una nave sin rumbo, besos de fuego para una canción / desesperada, yo era una flor y tú mi propio yo. / Con lágrimas de sangre quise escribir la historia que ahora / escribo con sangre, con tinta sangre, del corazón. / Éramos compañeros del desorden profundo, pasión de vellonera / hombres por fuera y por dentro, no solamente cuerpos sino historia. / Éramos la victoria de amarnos sin prejuicios, sin posesión / ni celos, sabiendo que lo eterno dura un segundo. / Éramos los remeros de la misma galera en busca / de esa isla que al final los libera. / Éramos mucho menos de lo que ahora somos (Manuel Ramos Otero, 2018, s.p.).

⁷ Leal Luis. 1985. *Aztlán y México: perfiles literarios e históricos*. Bilingual Press/Editorial bilingüe, Binghamton, New York.

⁸ Otero faleceu em Porto Rico, em 1990, devido a complicações da contaminação pelo vírus da AIDS. O autor havia se mudado a Nova Iorque em 1968, onde residiu até 1990, quando regressou a Porto Rico e faleceu. O livro em que se encontram os poemas aqui abordados foi, segundo Carolina Sancholuz (2011), “escrito desde la perspectiva radical de una situación límite, la de un sujeto que se sabe enfermo de SIDA, en un momento en el cual la enfermedad no había sido aún conjurada por los avances científicos de la medicación retroviral, sus poemas anudan subjetividad, erotismo y muerte, en una escritura peculiar que registra y confronta con el lector los avances de su enfermedad” (SANCHOLUZ, 2011, p. 99).

Os exilados são, no poema de Otero, flores desterradas, companheiros da desordem profunda, homens que lutavam pelo direito de se amarem sem preconceitos. Não apenas corpos, mas história. Esses homens (*Cubanacán boricua y Borikén cubano*) migraram e deixaram para trás, presas no mar, lembranças, vozes e brincadeiras de esconde-esconde. Essa referência ao escondido pode remeter ao armário onde se oculta a homossexualidade, assim como os bosques milenários com vulcões adormecidos podem representar a cultura heteronormativa, da qual precisavam se esconder, e o perigo de despertar a ira e o preconceito a qualquer momento.

Eles deixaram para trás brisa, sol e pessoas de carne e osso em troca das fumaças, das cinzas e das máscaras anônimas da cidade. Mas o amor os une no exílio, faz com que se sintam de volta em suas ilhas: as asas cortadas no processo de se exilar agora fazem eles sentirem que voam de novo (através do amor, ainda que seja só uma impressão) e que trocam as pétalas (das flores desterradas) por plumas, pelas novas quase-asas. Os dois tinham vivências parecidas, identificadas pela figura de um navio sem rumo (a condição de não estar nem lá, nem cá). Ambos pertenciam a esse grupo de sexilados que remava em busca de uma ilha que afinal os libertasse. Esse grupo, por fim, traz uma voz coletiva para o poema, já sugerida pela primeira pessoa do plural: éramos.

Percebe-se, assim, que estamos diante de um quarto movimento migratório envolvendo o arquipélago do Caribe (o primeiro foi a chegada do migrante fundador e armado, o segundo foi a vinda do migrante familiar – aquele que se estabeleceu no território e trouxe seus hábitos –, e o terceiro foi o “migrante nu” – o africano trazido à força), de acordo com a análise de Édouard Glissant (2005). O quarto movimento se dá a partir do arquipélago e em direção aos Estados Unidos – caso das *boat people* no Haiti e em Cuba, por exemplo, e da diáspora *queer*.

Glissant (2005) entende que esses primeiros movimentos e encontros resultaram em processos de criouliização que, hoje, fundamentam a noção de identidades como rizoma. O rizoma se opõe à ideia de uma raiz única que exclui o outro, veiculada pelos europeus no período da colonização e que ainda encontra ressonância em algumas ideias da contemporaneidade. Nas palavras do autor:

O que acontece no Caribe durante três séculos é, literalmente, o seguinte: um encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se crioulizam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo – a realidade crioula⁹ (GLISSANT, 2005, p. 17).

⁹ Para Glissant (2005, p. 24), os países do Caribe e aqueles que compõem a circularidade disseminada fazem parte de culturas compósitas cuja criouliização se dá “praticamente sob nossos olhos, em oposição às culturas atávicas, cuja criouliização se deu há muito tempo”.

Propõe-se aqui que o quarto movimento, o deslocamento de intelectuais caribenhos em direção ao exílio, não nas antigas metrópoles colonizadoras, mas na grande potência imperial da contemporaneidade – os Estados Unidos –, poderia ser uma forma de extensão do rizoma. Além disso, propõe-se pensar o rizoma também com relação às identidades *queer*, que são polimorfas, ramificadas, não se fixam. Esse duplo deslocamento (geográfico e *queer*) também traz em si os conceitos de dispersão¹⁰, de rastro/resíduo¹¹ e de imprevisibilidade¹² (pensamento de arquipélago) mencionados por Glissant (2005), em oposição à universalidade do sujeito único (ilha).

Ao mesmo tempo, esse encontro entre culturas não se dá de maneira neutra. Os caribenhos que vivem nos Estados Unidos, assim como os chicanos e como tantos imigrantes de diferentes partes do mundo, além dos sentimentos próprios da diáspora (nostalgia, perda, rompimento, desterritorialização, falta de pertencimento), sofrem com a opressão, a segregação étnico-racial e o preconceito. Os exilados por motivos de identidade de gênero ou orientação sexual sofrem duplo preconceito: de gênero ou sexualidade somado ao de raça, etnia e língua. Se o Caribe era para eles amplo e luminoso, os Estados Unidos os confina em apartamentos noturnos e estreitos, escreve Manuel Ramos Otero, no poema citado. Essa impressão conversa com o que também expôs Reinaldo Arenas (1943-1990), escritor cubano: em 1980, depois de ter sido preso por “conduta extravagante”, Arenas saiu de Cuba, no êxodo de Mariel¹³, após se declarar homossexual e passivo (detalhe que era relevante, visto que a passividade afrontava o imaginário de força e hombridade dos militantes e revolucionários). Segundo Reyes (2005), “*la homofobia aquí funciona como parte de la tradición hispánica del código de honor, en que cualquier cuestionamiento de la virilidad del hombre tiene que ser refutado inmediatamente, preferiblemente con pugilatos, cuchillazos o pistolazos*” (REYES, 2005, p. 855).

¹⁰ Segundo Glissant (2005), o mar do Caribe é um mar que dispersa, difrata e leva à efervescência da diversidade, ao contrário do mar Mediterrâneo, que concentra. O arquipélago do Caribe, assim, não se restringe a trânsitos e passagens, mas é um espaço de encontros e implicações.

¹¹ O pensamento rastro/resíduo fundamenta-se na ideia de que os migrantes africanos, quando trazidos para as Américas, não puderam trazer suas heranças étnicas, pois vieram despojados de tudo, até mesmo de suas línguas. Ainda assim, a partir de rastros/resíduos de suas culturas, criaram línguas crioulas e formas artísticas como o jazz. Na atualidade, o pensamento rastro/resíduo se aplica “à falsa universalidade dos pensamentos de sistema” (GLISSANT, 2005, p. 19), que fundamentam ideais excludentes e mortais. No caso do deslocamento dos caribenhos em direção ao continente, pode-se pensar o rastro/resíduo como forma de oposição dos migrantes à cultura imperialista e dominante dos Estados Unidos, e oposição das pessoas *queer* às culturas hegemônicas impostas pela heterocisnormatividade.

¹² A imprevisibilidade é uma característica tanto da crioulação quanto da “queerização”. No primeiro caso, segundo Glissant, a imprevisibilidade da crioulação se opõe à dialética pureza/mestiçagem (em que os efeitos podem ser calculados) (GLISSANT, 2005). Da mesma forma, cabe pensar que a relação entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual é imprevisível (BUTLER, 2003), ainda que durante muito tempo tenha se acreditado que não. Pode ter sido justamente o medo do imprevisível que norteou os pensamentos de sistema (ou de raiz única).

¹³ Segundo Martinez-San Miguel (2011, p. 20), “*el éxodo de Mariel fue una emigración masiva de cubanos que ocurrió entre el 15 de abril y el 31 de octubre de 1980, después de que un grupo de disidentes cubanos tomó control de la embajada peruana y exigió salir del país. El gobierno cubano abrió su frontera con los Estados Unidos, y dejó que salieran del país aquellos que ellos consideraban «personas indeseables» para el régimen revolucionario*”.

Nos Estados Unidos, no entanto, Arenas nunca se identificou com a comunidade *queer*, porque era uma comunidade segregada, enquanto que, em Cuba, não havia zonas específicas para homossexuais nos espaços públicos ou privados, todos compartilhavam os mesmos espaços, de acordo com Martínez-San Miguel (2011), em análise da obra autobiográfica de Arenas, *Antes que anochezca* (1992). Em Cuba, não fora preciso assumir-se como homossexual e militante para viver seus desejos livremente, antes das prisões e do exílio. Assim, sua sexualidade podia ser mais fluida e polimorfa, sem demarcações ou declarações precisas. Sair do armário, para Arenas, significou literalmente sair do espaço de fluidez sexual (arquipélago) para um espaço de segregação, no continente.

Ou seja, os exilados são segregados tanto pelo isolamento na comunidade gay, como expõe Arenas, quanto através da solidão da desterritorialização geográfica (com implicações culturais e linguísticas), como mostra Manuel Ramos Otero em outro poema:

Estás enamorado. / Caminas por la calle del exilio / persiguiendo el recuerdo de una niebla. / Es otra vez la hora del crepúsculo / y vuelves a detenerte en esa esquina / donde piensas que le verás pasar. / Esperas. Con el corazón en la boca. / No llega ni llegará el amado. / Él nunca fue pájaro en mano / sino cuerpo tembloroso en tu camino.

Estás perdido. / En el tibio espiral de tu memoria. / Tienes catorce años, estás en Puerto Rico y estás enamorado de un ángel. / Escribes cuentos de cuerpos con alas / escondidos en las arrugas de un lecho / bajo el polvoriento abanico de aspas. / Te ha sido dado un adelanto de muerte. / Juras que no amarás jamás, / tu escritura será la salvación o el castigo.

Retrocedes a la playa de la infancia / haces un pacto con las sirenas / visitas la cueva de tu primer orgasmo / pero las golondrinas enmudecen. / Nadie te dice adiós ni te echará de menos. / No pides ser recordado. Es tu recuerdo. / Comprendes la soledad de las arañas. / Te vas sin que el espectro del salitre / te detenga.

Cambia la luz del semáforo y cruzas. / En New York se acerca una noche calurosa de otoño. / Parece que los pájaros han emigrado a las islas. / Las hojas secas se arremolinan en la cuneta. / Entrás a la bodega pero él no está. / Excusas su ausencia / comprando cigarrillos y cerveza. / Una llovizna repentina / hace que aceleres el paso y llegas / hasta una iglesia clausurada. / Te sientas en los peldaños húmedos. / No han hecho cita. A lo mejor vendrá. / Estás hecho de tiempo.

Tienes miedo al amor / o a la pasión que amenaza / tu pasión por la escritura. / La soledad del verso es bálsamo seguro / de todas esas otras soledades: / John es polvo de tumba sin cadáver / Ángel es polvo de emigrante sin ruta. / Ángel es polvo de castillo en la arena. / Pero José es polvo sobre polvo. / Para el poeta que ama ya es muy tarde.

Estás obsesionado con la vida / tú que sólo has querido conocer / el mar y el misterio de la muerte. / Ahora te arrepientes. No hay salida. / Tú no escogiste la poesía. / La luna te volvió poeta. / Entonces, ¿a quién rezas? / No tienes religión, tienes historia: / la cruel sospecha de la repetición / que aspira libertad / y gasta su reloj buscando gloria. / Historiador del corazón que late / te bates impotente en la guerra del amor.

Te sientes naufragado. / La noche suda negra sobre la brea. / Piensas que un delirio de drogas / sería la respuesta para la soledad. / Sabes a ciencia cierta que la magia / de adormideras secas no hará un pez / de tu cuerpo en esa playa sin pescador. / Es domingo. Tienes treinta y ocho años / y es la víspera de algo muy tranquilo: / un voto de vejez, una piedra de paz, / ese volver a estar contigo mismo / que inevitablemente te hace outro / adentro de tu abrazo y tu cariño. / ¿Cuál de los que amaste regresó / para abrazarte de la misma manera? / ¿Qué se queda? Un charco en la acera / donde mirar a tu mejor amigo.

No dudes que él te amó. No mires atrás. / A lo mejor te ama desde su labirinto / y se conforma con recuerdos precisos / con el sudor de siglos que nunca se evapora / con tu cuerpo que añora en su silencio puro / con tu músculo duro derretido en su boca / con la querencia loca de otro poema tuyo / que siempre supo suyo y aprendió de memoria / con la fugaz historia de dos desconocidos / esclavos abolidos por la misma ternura / que por eso asegura que ausencia no es olvido. / Se habrán reconocido desde lejos / y ya saben espejos de los que no se tocan / esos que siempre evocan la ilusión de lo eterno.

El presente es perfecto. Es todo lo que tienes. / Has descubierto el puente que da sentido al tiempo / que pensabas perdido. La prueba es el poema / que has escrito (Manuel Ramos Otero, 2018, s.p.).

O poema traz, espacialmente, tanto Porto Rico quanto Nova Iorque, a praia e o espaço urbano. Esses espaços criam imagens que reforçam a sensação de solidão¹⁴ e distanciamento que parecem ser os temas principais do poema: a praia é o cenário de recordações da infância do eu-lírico; o espaço urbano é o local de desencontros, onde ele sente que as aves migraram em direção às ilhas, deixando-o para trás (entre essas “aves” está o amante que ele procura em vão pelas ruas de Nova Iorque, alguém que nunca foi “pássaro na mão”).

A narrativa em segunda pessoa se coloca num entre-lugar eu-tu, que também pode ser visto como um entre-lugar ilha-continente e passado-presente, o que gera sentimentos como o de se sentir naufragado no meio do caminho. Fica claro que se trata de um homem que ama outros homens: John é o único deles que tem nome americano, Ángel, Ángel e José têm nomes espanhóis-porto-riquenhos. O amor aparece como fugaz, assim como no poema anterior (“*lo eterno dura un segundo*”), talvez pela transitoriedade das existências deslocadas. Outra semelhança entre os dois poemas é que o eu-lírico afirma ter e ser história (“*no solamente cuerpos sino historia*”; “*no tienes religión, tienes historia*”), algo que é significativo para pessoas banidas (da terra natal, da igreja fechada) e desenraizadas. Essa história é o rastro/resíduo de Glissant (2005).

O amante Ángel-anjo remete a uma figura desprovida de sexo, genital e pecado, além de remeter aos sexilados de asas cortadas (poema anterior) e à ideia de morte. Há muitas referências

¹⁴ Em *Stella Manhattan* (1985), do brasileiro Silviano Santiago, essa solidão do exílio fica muito bem ilustrada por Stella/Sérgio, personagem *queer* brasileira negra e exilada em Nova Iorque – onde é frequentemente confundida com porto-riquenha. Quando ele/ela encontra-se no barbeiro, um mês após sua chegada nos Estados Unidos, o sentimento é o seguinte: “sentiu o calor da mão do barbeiro que roçava a pele do rosto. Ninguém em Nova Iorque tinha se aproximado tanto dele até então” (SANTIAGO, 1985, p. 29).

ao pó, no título e em vários poemas do livro, reforçando essa relação com a morte, já que eram os últimos escritos do poeta.

Apesar da solidão do exílio e da nostalgia que aparece ao longo dos versos do poema, o final surge como proposta de um poema-ponte capaz de unir presente e passado, aqui e lá – uma aceitação da ambivalência, uma coexistência. Ou seja, o poeta não se restringe a uma dialética da oposição entre aqui e lá, assim como não mistura os idiomas, pelo contrário, parece assumir essa desterritorialização que é escrever em língua espanhola em solo estadunidense. Não há assimilação do eu-lírico pela língua ou cultura dos Estados Unidos. Os poemas de Otero parecem se voltar aos falantes de espanhol, sejam porto-riquenhos, chicanos ou sexilados de diferentes culturas. Assim, parecem de fato uma representação da independência do ponto de partida, sem uma necessária identificação com o ponto de chegada (RAMOS-JORDAN, 2003).

Segundo Sancholuz (2011), o uso que Otero fez da primeira pessoa do singular desafiou a tradição porto-riquenha, que buscava o coletivo “nós” para criar uma marcação identitária. Como visto, durante muito tempo a literatura porto-riquenha trouxe consigo esse desejo de construção de uma nação. No entanto, Otero afirma o seu “eu” constituindo uma subjetividade centrada na primeira pessoa. É um “eu” muitas vezes autobiográfico que aparece principalmente nos poemas de amor ou erotismo, porque são aqueles centrados na representação da homossexualidade, essa categoria que foi colocada fora da coletividade do “nós” porto-riquenho (SANCHOLUZ, 2011). Nos dois poemas aqui apresentados, os sujeitos “nós” e “tu” parecem procurar por uma outra coletividade, das pessoas sexiladas, ao mesmo tempo em que reforçam uma subjetividade focada na pessoa do eu-lírico. De acordo com Sancholuz, o poeta oscilava entre essa construção de uma identidade individual-subjetiva-homossexual e de um “nós” coletivo – dos sexilados e dos portadores de AIDS. Esse “nós” aparece no primeiro poema (*“Éramos flores desterradas desde um Caribe ancho y luminoso”*). Já a importância da subjetividade se evidencia quando, no segundo poema, o eu-lírico eu-tu diz que não pede para ser recordado pelos outros, ele mesmo se coloca como sujeito da recordação: *“No pides ser recordado. Es tu recuerdo”*.

Sancholuz (2011) afirma que Otero utilizava elementos que integram tradições poéticas hispano-americanas com a lírica homoerótica de Constantino Cavafis (Egito-Grécia, 1863-1933) e Luis Cernuda (Espanha, 1902-1963), assim como com expressões da cultura popular, especialmente da tradição bolerística caribenha (SANCHOLUZ, 2011). A obra de Otero é amplamente comentada pela crítica especializada em literatura LGBTQI+ e em literatura porto-riquenha. No entanto, a maioria de seus escritos, que eram considerados controversos em função do teor político e sexual, nunca foi traduzida e publicada em outras línguas, o que sugere que o escritor permaneceu à margem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, parece importante pensar a fragmentação das construções binárias dentro-fora, presentes no imaginário de “ilha”, para se pensar em pensamentos de arquipélago (Glissant, 2005) quando se trata da diáspora *queer* caribenha. Seria uma forma de perceber o Caribe com o seu potencial de movimentações e pluralidades, sem fixar identificações e significados únicos. Em sintonia com o que pensa Martínez-San Miguel (2011), cabe pensar um entendimento do sexílio como tensão e negociação a partir de dentro (de vários “dentros”), em vez de exclusão (seja a expulsão praticada pelos sistemas heterocisnormativos quanto pelos sistemas linguísticos e literários). A autora propõe também perceber as formas como o colonialismo se estende até os dias de hoje, no Caribe, e questionar as políticas nacionais ao mesmo tempo em que se constroem narrativas em que desejos divergentes possam coexistir, transcendendo a ideia da nação soberana como única solução para os países do Caribe.

Por fim, acredita-se que não basta pensar na dialética movimento-fixidez para abordar as questões das identidades em trânsito, sob o risco de cair em relativismos ou em novas invisibilizações. Nesse sentido, o conceito de rizoma contribui para se opor à ideia de raiz única, ao mesmo tempo em que permite observar especificidades históricas e geopolíticas que caracterizam os diferentes contextos de deslocamento. No caso de Porto Rico, esta abordagem evidenciou os processos de colonização, criouliização, desterritorialização cultural e linguística na análise das literaturas que representam o sexílio. Desse modo, pôde-se pensar o sexílio e as identidades *nuyoricans* e *queer* tomando distância, ao mesmo tempo, do relativismo e da fixidez.

4 REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABALLERO, María. **Ficciones isleñas: estudios sobre la literatura de Puerto Rico**. Editorial de la universidad de Puerto Rico: Puerto Rico, 1999.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ETTE, Ottmar. Una literatura sin residencia fija. Insularidad, historia y dinámica sociocultural en la Cuba del siglo XX. **Revista de Indias**, vol. 65, n. 235, p. 729-754, 2005. Disponível em: <http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/view/388/457>. Acesso em: ago. 2018.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

LA FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. Translocas: migração, homossexualidade e transformismo na recente performance porto-riquenha. **Emisférica**, v. 8, n. 1, s.p., 2011. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/e-misferica-81/lafountain>. Acesso em: ago. 2018.

MARTINEZ-SAN MIGUEL, Yolanda. «Sexilios»: hacia una nueva poética de la erótica caribeña. **América Latina Hoy**, n. 58, p. 15-30, 2011. Disponível em: <http://revistas.usal.es/index.php/1130-2887/article/view/8503>. Acesso em: ago. 2018.

OTERO, Manuel Ramos. Muestra poética. **Low-fi ardentía**. 2018. Disponível em: <https://lowfiardentia.com/2018/06/05/muestra-poetica-manuel-ramos-otero-1948-1990/>. Acesso em: ago. 2018.

RAMOS-JORDAN, Alicia. Transmigrañas: Desalojando el Lenguaje. **World Cultures Graduate Student Conference**, University of California Merced, 2013. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/8jg1h9kd>. Acesso em: ago. 2018.

REYES, Israel. Recuerdos “parciales” y el closet de la literatura: ficción y autobiografía de Judith Ortiz Cofer. **Iberoamericana**, v. 71, n. 212, p. 847-863, 2005. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/download/5432/5584>. Acesso em agosto de 2018.

SANCHOLUZ, Carolina. Uma poética de la muerte. Sobre Inviación al polvo, de Manuel Ramos Otero. **Letral**, n. 6, p. 97-111, 2011. Disponível em: <http://revistaseug.ugr.es/index.php/letral/article/view/3648/3628>. Acesso em: ago. 2018.

SANTIAGO, Silviano. **Stella Manhattan**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SIMÕES, Eduardo. Para ser Estado, Porto Rico deve falar inglês, diz Santorum. **Reuters**, 2012. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPE82D0AG20120314>. Acesso em: ago. 2018.

Title

Literature, insularities and sexile in the Caribbean

Abstract

This article relates the notion of sexile (Manolo Guzmán) and the concepts of archipelago and rhizome (Glissant) and of minor literatures (Deleuze and Guattari), focusing on the case of Puerto Rico. We will analyze the literary and linguistic systems in which two poems are inserted (or not) – the poems are in the book *Invitación al Polvo* (1991), a posthumous work of the Puerto Rican Manuel Ramos Otero (1946-1990). The objective of this article is to understand the role of the Caribbean island geography and its history marked by colonization, by criolization and by the queer diaspora in Ramos Otero's literature, also focused on gender and sexuality. The author had to exile in the United States, in 1968, due to his sexual orientation, which characterizes the concept of sexile. Our methodology is based on the analysis of the two poems, by which we can see that this encounter between cultures and identities does not take place in a neutral way: Ramos Otero, like so many immigrants, besides dealing with the diaspora's own feelings (nostalgia, loss, rupture, deterritorialization and lack of belonging), suffers from oppression, ethnic-racial segregation and prejudice. It is concluded that, in association with the race, ethnicity and language prejudice, sexiled people also suffer from gender and sexual prejudice. In addition, the conclusion of this article also suggests that the double displacement (both geographic and queer) should be re-signified through the concept of the archipelago thinking, as proposed by Glissant (2005), in opposition to the universality of the monolithic subject.

Keywords

Sexile; Puerto Rican literature; Manuel Ramos Otero; archipelago thinking.

Recebido em: 28/03/2019.

Aceito em: 17/07/2019.